

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **O ECOMUSEU@MORRO GRANDE.COM – UM MUSEU DE TERRITÓRIO CONECTADO**

Vilma Cristina Soutelo Assunção Nosedá – Doutoranda em História –  
PUC/SP – email:cris@ecomuseumorrogrande.com

Damaris Ferreira - Artista – produtora cultural - discente FATEC –  
Cotia. email.damaris@ecomuseumorrogrande.com

### **RESUMO**

A Reserva Florestal do Morro Grande encontra-se localizada a 34 quilômetros do centro de São Paulo, ocupa 10.870 hectares, o que corresponde a 1/3 do território do município de Cotia, representa uma das maiores extensões de Mata Atlântica do Planalto Paulistano.

O processo de tombamento da RFMG (1978-1981) se configura em uma postura de vanguarda do CONDEPHAAT, na época coordenado pelo geógrafo e professor Aziz Ab'Saber representante do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, ao mesmo tempo que significou uma conquista do movimento ambientalista contrário ao projeto de construção do Aeroporto Metropolitano de São Paulo proposto durante o governo de Paulo Egydio Martins no período de 1975 a 1978.

Para além da importância da preservação da Reserva Florestal do Morro Grande realizado pelo CONDEPHAAT, o que se verifica é o esquecimento da memória da sua comunidade, os antigos moradores e trabalhadores da Vila do DAE (Departamento de Águas e Esgoto), responsáveis pela construção e conservação das estruturas da Barragem da Cachoeira Nossa Senhora das Graças (1914 – 1917) e da Represa Pedro Beicht (1927 -1933).

Com o objetivo de atender a demanda da comunidade preocupada com a especulação urbana, o desmatamento e com a perda de sua memória coletiva local, começamos a realizar encontros com a comunidade para a realização do inventário participativo e a elaboração de diretrizes metodológicas para a criação de um Museu de Território.

Em março de 2020, a Pandemia de Covid- 19 impactou o mundo, modificou a vida de todos os brasileiros e ceifou milhares de vidas.

O artigo apresenta um momento em que o isolamento/distanciamento social é condição indispensável para a vida. Porém, a utilização das mídias sociais, lives, plataformas para videoconferência, curso de formação EAD de Tecnologia Social da Memória, metodologia do Museu da Pessoa, nos possibilitou não apenas dar continuidade às ações como também ampliar as redes de parcerias.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**PALAVRAS-CHAVES:** Inventário Participativo - Museu de Território - Plataforma digitais

## **O ECOMUSEU@MORRO GRANDE.COM - O MUSEU DE TERRITÓRIO CONECTADO<sup>1</sup>**

Vilma Cristina Soutelo Assunção Noseda  
Doutorando em História – PUC –SP  
Email: cris@ecomuseumorrogrande.com  
Damaris Ferreira  
Artista/Produtora Cultural - PUC – SP/ Fatec /SP  
Email:damaris@ecomuseumorrogrande.com

### **APRESENTAÇÃO**

Esse artigo tem como intenção apresentar parte das ações que foram realizadas nesse momento em que se faz necessário o isolamento social como medida de contenção da pandemia de COVID -19, pelo ECOMUSEU MORRO GRANDE – Museu de território , projeto que vem se constituindo conjuntamente com a comunidade do bairro do Morro Grande.

Iniciamos com um breve histórico sobre a formação da Reserva Florestal do Morro Grande e de seu entorno e em um segundo momento destacamos o trabalho de identificação e salvaguarda de suas referências culturais, por meio do inventário participativo - instrumento de Educação Patrimonial e a elaboração de diretrizes metodológicas para a criação do Ecomuseu Morro Grande - Museu de Território, que conjuntamente com a comunidade vem promovendo projetos de preservação, por meio da Educação ambiental e patrimonial sobre a Reserva Florestal do Morro Grande e o seu entorno e que a partir de março de 2020 teve as suas ações presenciais paralisadas devido a pandemia, o que representou um desafio, mas que por meio da utilização de plataformas digitais nos possibilitou a continuidade do projeto em conjunto com a sua comunidade.

---

<sup>1</sup> Parte das informações que se encontram neste trabalho foram apresentada no artigo Ecomuseu@Morro Grande.com – Nasce um Museu conectado divulgado no III Congresso Internacional e Interdisciplinar em Patrimônio Cultural: Experiências de Gestão e Educação Patrimonial, o

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## BREVE HISTÓRICO DA RESERVA FLORESTAL DO MORRO GRANDE

A Reserva Florestal do Morro Grande representa uma das maiores extensões de Mata Atlântica do Planalto Paulistano, seus mananciais, os rios Capivari, dos Peixes, Cotia e da Graça que nascem dentro da Reserva, alimentam o Sistema Alto Cotia, que engloba as represas da Graça e Pedro Beicht, além da Estação de Tratamento, atualmente sob a responsabilidade da Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo – SABESP.

É ainda no século XIX que a freguesia de Cotia passa a figurar como fonte de abastecimento de água para São Paulo, perante a crise hídrica que a cidade passava.

É o engenheiro Theodoro Sampaio que realizou os primeiros estudos sobre a utilização dos mananciais do Rio Cotia a pedido da Secretária da Agricultura e do Comércio para a Repartição de Águas e Esgoto na época sob a sua coordenação.

A construção da Estação de Tratamento do Sistema Alto Cotia e suas estruturas foram realizadas em duas etapas: a primeira com a construção da barragem da Cachoeira Nossa Senhora da Graça (1914 – 1918) e a segunda com as obras da barragem Pedro Beicht, (1927-1933), formado um lago artificial, denominado Reservatório Pedro Beicht, com capacidade de armazenamento de 15 milhões de metros cúbicos de água.<sup>2</sup>

Simultaneamente a criação da Estação de Tratamento de Água - (ETA) - Alto Cotia, o R.A.E ( Repartição de Águas e Esgoto) foi responsável pela construção e manutenção do Núcleo Residencial para os seus trabalhadores que era composto pela Igreja, Grêmio, Clube, Escola, Posto de Enfermagem, Campo de Futebol, praça (pátio) e as 52 residências, esse conjunto de estruturas e edificações denominamos Vila dos trabalhadores da DAE<sup>3</sup>. (CUNHA. 1937, p.301)

As primeiras edificações como os barracões que eram utilizados para armazenar ferramentas de trabalho foram feitos utilizando-se zinco e as primeiras casas de sapê. Com o tempo e a chegada da eletricidade, as construções foram se modificando e melhores edificações foram sendo utilizadas tanto para a Escola, que na época era denominada como Escola de Moços e Moças Cachoeira Nossa Senhora da Graça,

---

<sup>3</sup> Escolhemos a denominação da Vila que é dada pelos antigos moradores .

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

quanto para as residências dos funcionários: engenheiros, administradores e operários. Atualmente, tais estruturas se encontram em total estado de abandono e em avançado estágio de deterioração.

A RFMG foi criada por meio da Lei Estadual n. 1.949 de 04 de Abril de 1979 e o seu tombamento realizado pelo CONDEPHAAT no ano de 1981<sup>4</sup> ambos processos de preservação representam o desfecho da luta do movimento ambientalista contrário ao projeto de construção do Aeroporto Metropolitano de São Paulo proposto durante o governo de Paulo Egydio Martins no período de 1975 a 1978.<sup>5</sup> (SILVA, 2003)

Por fim, em 1994 a Reserva Florestal do Morro Grande passa a ser reconhecida pela Unesco como Patrimônio Natural da Humanidade e incorporada à Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo, como área núcleo.

## **DESEJO DE MEMÓRIA - INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS E MUSEU DE TERRITÓRIO**

Para além da importância ambiental da RFMG o que se percebe é a exclusão da memória e da História da sua comunidade. Foram excluídos do processo de tombamento o conjunto de edificações da antiga vila dos trabalhadores da DAE (Departamento de Águas e Esgoto) – atual propriedade da SABESP. Constituída por 52 casas, construídas entre as décadas de 1910 e 1930, com o objetivo de alojar os trabalhadores responsáveis pela construção e conservação da barragem da “Cachoeira da Graça” (1914-1917) e da barragem “Pedro Beicht” (1927-1933).

A mesma exclusão ocorre com os saberes e fazeres dessa comunidade, que não foram registrados pelos órgãos responsáveis por sua preservação (CONDEPHAAT/SABESP/PREFEITURA DE COTIA).

Com o objetivo de atender ao “desejo de memória” dessa comunidade e em oposição a outros projetos de usos<sup>6</sup> que foram elaborados para região e com a

---

<sup>4</sup> O bem encontra-se registrado sob a inscrição n.6 p.303 do Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do CONDEPHAAT.

<sup>5</sup>

A Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e a prefeitura de Cotia firmaram no ano de 2010, um protocolo de intenções para implementação de um Polo de Ecoturismo dentro da

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

compreensão de que a produção e gestão deste patrimônio devem ser feitas com a participação de sua comunidade por meio do seu envolvimento e da valorização de sua memória e dos seus saberes locais, propomos a realização de um inventário participativo, instrumento da educação patrimonial no qual as comunidades assumem, em primeira pessoa, a identificação, a seleção e o registro das *referências culturais* mais significativas para suas memórias e histórias sociais. Com a intenção de fornecer subsídios para a elaboração de diretrizes metodológicas para um projeto de musealização do território que contemple a valorização e a instrumentalização da comunidade ao propiciar condições para reverter o quadro atual de subutilização do patrimônio cultural da região.

Ainda, no ano de 2019 começamos o mapeamento e as entrevistas com antigos trabalhadores e moradores da Vila DAE, lideranças comunitárias responsáveis pela Associação de Bairro, com docentes das duas escolas existentes no Bairro do Morro Grande e com os responsáveis pelas manifestações culturais do entorno da RFMG (Congada, Folias de Reis, Romaria, grupos de Capoeira, pais e mães de santos dos terreiros existentes no território)

Utilizamos o Inventário Participativo como instrumento educação patrimonial, o que é possível encontrar diversas experiências, onde comunidades buscando o reconhecimento e a valorização do seu patrimônio cultural até então invisibilizados por museus tradicionais passam a reivindicar por espaços que os representassem normativos e que passam a encontrar em museus comunitários, eco museus, museus indígenas, museus de territórios, pontos de memória e/ou iniciativas similares.

No Brasil, a partir dos anos 80, movimentos sociais populares, liderados por novos atores sociais (negros, índios, mulheres, camponeses, etc.) veem na preservação de sua memória um instrumento de afirmação de sua identidade e de luta pelos direitos

---

Reserva Florestal do Morro Grande. O Projeto que previa um novo espaço de lazer, para prática de esportes e a realização de projetos de educação ambiental para alunos de escolas públicas e moradores do entorno e que iria abrigar cursos de capacitação para a população, sobre artesanato, viveirismo e monitoria ambiental, entre outros temas. Além da instalação de uma creche, de uma Unidade Básica de Saúde (único aparelho público realmente instalado) e da sede da Guarda Civil Metropolitana. No entanto, no ano de 2013, o projeto passa a ser conduzido pela OSCIP HABITAT, que propõe a criação de um campo de golfe dentro da RFMG, o que encontrou forte objeção da sociedade civil organizada. O projeto custou para os cofres públicos da cidade R\$ 2.999.024,33 segundo o diário oficial. Por fim, “passado 10 anos o Projeto do Polo de Ecoturismo, não saiu do papel.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de cidadania. O que, paulatinamente, norteou a passagem da noção do patrimônio histórico consagrado por uma historiografia “oficial” centrada em episódios para uma nova perspectiva, mais ampla, que inclui o “cultural” incorporado ao “histórico” e às dimensões testemunhais do cotidiano e aos feitos não tangíveis e o patrimônio natural

É com a Constituição de 1988 que se abriu o espaço para a afirmação de algumas exclusões e silêncios até então contidos nos procedimentos de construção do patrimônio. Um deles é o de “patrimônio imaterial” — que se consubstancia no Decreto n.3.551, de agosto de 2000, com a criação do registro como forma de salvaguarda e do **Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI)**. Esse representa uma estratégia de democratização do patrimônio, de modo a amenizar a exclusão de muitas manifestações que estruturam a vida espiritual e as relações de sociabilidade de inúmeros grupos de pessoas. É a instauração de uma **política pública** para a salvaguarda do patrimônio imaterial, que estabelece como instrumento jurídico de proteção do patrimônio imaterial o *registro*, que por sua vez, é bastante diverso do *tombamento* aplicada nos estudos do patrimônio material, na qual o sujeito não está incluído e gira em torno do conhecimento acadêmico sobre um determinado objeto. O conceito matriz que rege o estudo dos bens intangíveis é o de **Referência Cultural**, de caráter marcadamente antropológico que busca a relação entre sujeito, manifestação cultural e espaço e a criação de uma nova metodologia de pesquisa o **Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC)**.

Desenvolvido pelo IPHAN a metodologia do INRC tem como objetivo criar um instrumento de aprofundamento do conhecimento acerca de bens culturais de natureza imaterial segundo as referências contidas no Decreto nº3.551/2000.

O Inventário Nacional de Referências Culturais–INRC – é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo IPHAN que tem como objetivo produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. A delimitação da área do inventário ocorre em função das referências culturais presentes num determinado território. Essas áreas podem ser reconhecidas em diferentes escalas, ou seja, podem corresponder a uma vila, a um bairro, a uma zona ou mancha urbana, a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma região geográfica culturalmente diferenciada ou mesmo a um conjunto de segmentos territoriais.<sup>7</sup>

Em 2009 o Ministério da Cultura com o apoio do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/MINC), cria o Programa Pontos de Memória, (DE MEMÓRIA.2016), que propõe o desenvolvimento de Inventários Participativos, com vistas ao “desenvolvimento processual, no intuito de aprimorar os acervos que representam as iniciativas comunitárias de memória e museologia social.” (SILVA.2013). A argumentação é que

Os inventários participativos em comunidades historicamente excluídas, onde os patrimônios foram até então negligenciados, é de extrema importância, pois o reconhecimento de tais patrimônios pode significar uma nova perspectiva de formação do patrimônio social brasileiro, onde se reconhece a importância das diferentes contribuições sociais para a construção da Nação (SILVA,2013)

No ano de 2012, foi desenvolvido e disponibilizado o Inventário Pedagógico, embasado na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, foi fruto da participação do IPHAN no Programa Mais Educação<sup>8</sup>, da Secretária de Educação Básica do MEC.

A proposta do Inventário Pedagógico é a de possibilitar um mapeamento inicial das referências culturais e potencialidades educativas que estão imersas na realidade escolar – um inventário pedagógico do patrimônio local

Por fim, a Portaria 137/2016 que institui o marco legal para a educação patrimonial estimulou uma reorientação da prática, ao seguir princípios como:

favorecer a participação social nas ações educativas; integrá-las no cotidiano e na vida das pessoas; compreender o território onde se atua como espaço educativo; fomentar a relação de afetividade em relação aos bens culturais; e,

---

<sup>7</sup> Disponível in: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/Visualizado>: 07/08/2021

<sup>8</sup> A estratégia do Programa mais Educação visa promover a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Trata-se da construção de uma ação intersetorial das políticas públicas educacionais e sociais que visa contribuir tanto para a diminuição das desigualdades educacionais quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira – reconhecendo que a educação deve ser pensada para além dos muros da escola e considerando a cidade, o bairro e os bens culturais como potencialmente educadores, eles próprios.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente, reconhecer que as práticas educativas se inserem em um campo de negociação e conflito entre diferentes grupos sociais<sup>9</sup>.

Ainda em 2016 em consonância com o programa de Pontos de Memória, o IPHAN construiu uma proposta de educação patrimonial por meio de Inventários Participativos. Para a realização desse trabalho o IPHAN se baseou em metodologias desenvolvidas anteriormente por eles, como o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC e o Inventário Pedagógico.

Com o objetivo de abarcar a diversidade de contextos culturais e faixas etárias atendidas pelo programa, o IPHAN adaptou o material para ampliar o alcance para além do Programa Mais Educação.

Assim, foram feitos ajustes textuais, redefinindo seus potenciais usos e objetivos. A partir dessa reformulação, o alvo primordial dos “inventários participativos” passou a ser a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação. (IPHAN,2016, p.6) .<sup>10</sup>

De modo inaugural, com a criação do Programa Pontos de Memória, o Estado brasileiro assumia a sua responsabilidade pela memória social que historicamente foi esquecida pelos museus: do povo pobre, negro, indígena, LGBTQI+, das mulheres, ribeirinhos, entre diversos outros.<sup>11</sup>

Como a noção de patrimônio que foi sendo modificada ao longo dos séculos, incorporando novos valores e perdendo antigos referenciais, o mesmo ocorreu dentro do campo da museologia, referente ao conceito de museus-templos como espaços de contemplação do objeto *versus* o museu-fórum como espaço de fomentação de políticas sociais transformadora.

---

<sup>9</sup> Disponível em :

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria\\_n\\_137\\_de\\_28\\_de\\_abril\\_de\\_2016.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf)

<sup>10</sup> .idem.

<sup>11</sup> Não abordaremos neste artigo com maior ênfase mas ainda em 2016 em consonância com o programa de Pontos de Memória, o IPHAN construiu uma proposta de educação patrimonial por meio de Inventários Participativos. Para a realização desse trabalho o IPHAN se baseou em metodologias desenvolvidas anteriormente por eles, como o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC e o Inventário Pedagógico.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As transformações na Museologia só ocorreram a partir do final da II Guerra Mundial, mas principalmente a partir do final dos anos 60 e início dos anos 70, por ocasião dos diversos movimentos sociais, como a atuação do movimento estudantil de 68, do movimento feminista, do movimento ecológico, o movimento negro.

Esses movimentos criticavam vários setores da sociedade, críticas que se estendem para o sistema de ensino, para a produção de arte, para diversas instituições, incluindo os MUSEUS, que eram vistos como dinossauros, elefantes brancos, geravam prejuízos e não tinham contato com a sociedade. Essas críticas representam o embrião da **Museologia Social**, a origem das transformações dos museus, o Museu passa a ter uma *função social (grifo nosso)*.

Do ponto de vista conceitual com a intenção de elaborar diretrizes metodológicas para a implantação de um projeto museológico que contemple a comunidade do bairro do Morro Grande, seguimos os princípios contidos na Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile, organizada pelo UNESCO e ICOM<sup>12</sup> (1972), que contou com a organização de Hugues Varine Bohan<sup>13</sup>, em que surge o conceito de patrimônio integral e o debate sobre a função social do museu, bem como o engajamento social e político da educação museal alicerçada pela pedagogia da libertação postulada por Paulo Freire.

Na década de 1980 organiza-se a Nova Museologia, que incorpora em suas ideias centrais a noção de um museu aberto, voltado para a vida humana e plenamente comprometido com os problemas sociais das comunidades. Neste sentido, este Novo Museu se volta para três elementos primordiais, como pressupõe o autor: a identidade local, a perspectiva ecológica e a participação da população.

No Brasil, é de fundamental importância as contribuições da museóloga e professora Waldisa Russio Guarnieri precursora da Nova Museologia e da

---

<sup>12</sup> O Conselho Internacional de Museus é uma organização internacional de museus e profissionais de museus, a quem está confiada a conservação, a preservação e a difusão do patrimônio mundial - cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial - para a sociedade. Disponível em: <http://www.icom.org.br/>. Acessado em 24 de abril de 2012.

<sup>13</sup> Formado pela Universidade de Paris, com pós-graduação em História e Arqueologia, Hugues de Varine foi diretor do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e despontou como um dos principais teóricos da chamada “Nova Museologia”, que deu outra dimensão à função social dos museus, dando o tom da Mesa de Santiago em 1972. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/hugues-de-varine/>. Acessado em 11/09/17.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sociomuseologia ao definir a Museologia “como a ciência do fato museal ou Museológico, que é a relação profunda entre o ser humano ( Homem), sujeito que conhece, e o objeto, que parte de uma realidade sobre a qual o Homem atua ou interage” e compreendendo o *fato* como “ resultado de um processo que se realiza com sua intervenção e participação conscientes, ” logo esse Homem – Ser Humano é construtor da sua História que, ao construí-la, se faz e se refaz (o homem), enquanto projeto inacabado.

Ao analisar o objeto de estudo da Museologia como sendo o fato Museológico Guarnieri rompe com o fetiche do objeto e suas coleções e transporta para a relação do homem/objeto, o foco de análise da museologia as relações e os relacionamentos humanos e sociais, o que passa a exigir não apenas novas técnicas, novos cenários museológico, que extrapola as paredes dos Museus, processo responsável por gerar museus ao ar livre, dos museus de sítio e dos ecomuseus .

Como precursora da Sociomuseologia e da Nova Museologia no Brasil, ela argumenta sobre a importância de se eliminar a dicotomia entre o patrimônio Natural e Patrimônio Cultural

“Portanto, não podemos segregar o ambiente físico natural do ambiente físico transformado pelo Homem: ambos são diferentes gradações do trabalho e da ação humana, o ambiente físico natural internalizado na consciência do homem, percebido, valorizado, é um patrimônio e uma herança a ser transmitida; o ambiente físico transformado, reordenado pelo Homem, pelos assentamentos humanos, é um patrimônio e uma herança; ambos são dimensões diferentes da Cultura do Homem.”<sup>14</sup> (GUARNIERI.1990,p.207)

Enquanto no museu clássico existe o objeto e a coleção, na Nova Museologia são considerados todos os bens culturais de um território, de uma região. Diferente da tríade que constitui o museu tradicional formada por edifício, coleção e público é ampliada para território de ação, patrimônio coletivo e comunidade de habitantes.

---

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dessa forma o museu pode ser entendido enquanto instituição ou processo que lida com o patrimônio material e imaterial através de sua coleta ou registro, salvaguarda, pesquisa e difusão, atuando com a sociedade e visando seu desenvolvimento cultural e socioeconômico. (MAIRESSE; DESVALLÉES.2015, p.42)

É com base na nova museologia e por meio de suas próprias narrativas de memórias que pretendemos envolver a comunidade, ao realizar um inventário participativo, processo no qual as comunidades assumem, em primeira pessoa, a identificação, a seleção e o registro das *referências culturais*<sup>15</sup> mais significativas para suas memórias e histórias sociais.

Em outras palavras, como afirma Sancho Querol (2013) refere-se à necessidade de equiparar a um mesmo nível, especialistas e comunidade no processo de construção de significados e de reconhecimento da identidade patrimonial dos nossos bens culturais.

A maioria dos entrevistados é composta por “velhos” moradores entre os 60 e 80 anos de idade, utilizamos a designação “memória de velhos”, parafraseando a obra de Ecléa Bosi<sup>70</sup> na qual a autora elimina eufemismos como “terceira idade”, “melhor idade” ou “idosos” que são normalmente utilizados, mas que têm o propósito de encobrir um debate mais importante, que é o da função social da velhice na sociedade, como agentes de socialização e aculturação, papéis que, gradativamente, foram se perdendo nas sociedades ocidentais.

Ao escolhermos os antigos moradores da Vila DAE e suas memórias, levamos em conta serem os velhos “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. (BOSI.1994, p.18)

---

<sup>15</sup> Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc. Referências culturais não se constituem, portanto, em objetos considerados em si mesmos, intrinsecamente valiosos, nem apreender referências significa apenas armazenar bens ou informações. Ao identificarem determinados elementos como particularmente significativos, os grupos sociais operam uma ressemantização desses elementos, relacionando-os a uma representação coletiva, a que cada membro do grupo de algum modo se identifica. (IPHAN, 2000. P.13-14)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Utilizamos a história oral como procedimento metodológico, o que possibilita compreender as experiências pessoais, impressões particulares, ou seja, a “recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.”<sup>16</sup> (ALBERTI, 2004, p.42)

A utilização das narrativas de memória desses antigos moradores e trabalhadores da Vila do DAE como uma das fontes de pesquisa, não é a de simplesmente contrapor os fatos a memória, mas o de utilizar o material dos depoimentos segundo a perspectiva de que “o material bruto da história oral não consiste apenas em declarações factuais, mas é a expressão e representação de cultura, e, portanto inclui não só narrativas literais, mas também as dimensões da memória, ideologia e desejos inconscientes.”

E “a primeira coisa que torna a história Oral diferente, portanto, é que ela nos conta menos sobre eventos e muito mais sobre significados.”

Com o objetivo de pensar o conceito de memória, utilizaremos o conceito central da obra de Maurice Halbwachs<sup>17</sup> de “memória coletiva”. Como Halbwachs, analisa a memória individual que existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior do grupo.<sup>18</sup> E, em relação ao contexto físico, Halbwachs destaca que ele é “uma realidade que dura, assim, não há um grupo ou um gênero de atividade coletiva que não tenha nenhuma relação com o lugar, com o espaço”. (HALBWACHS, 2004)

A memória narrada por esses antigos moradores e trabalhadores da Vila DAE, não se ateu a uma cronologia específica dos acontecimentos, mas nos oferece pontos de referências espaciais, como a própria Reserva Florestal do Morro Grande, o campo de futebol do Esporte Clube Cachoeira da Graça, a Associação dos Trabalhadores com as sessões de cinema, as festas e bailes de carnaval, a Escola Estadual Professor José Barreto antiga Escola Mista Cachoeira Nossa Senhora das Graças, como a Igreja com suas procissões e festas religiosas e o pátio (praça) local de encontro dos trabalhadores nos seus horários de folga, são pontos de referência que estruturam a nossa memória e a inserem na coletividade a que pertencemos, como disse

---

<sup>18</sup> “Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referências que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio”. Ibidem. p.53.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Halbwachs, ou dito de outra maneira “A memória pendura-se em lugares, como a História em acontecimentos.”<sup>19</sup> (NORA.1993)

As primeiras conversas com esses “velhos” moradores e trabalhadores da Vila DAE foram referentes sobre a elaboração do inventário participativo e principalmente no que tange a diferenciação entre pesquisa histórica com o uso de fontes orais, imagéticas e o inventário propriamente dito.

No ano de 2020 devido a Pandemia de COVID -19 , os encontros presenciais com a comunidade para a realização do inventário participativo foram paralisados. Foi um momento que representou um grande desafio.

O que se apresentou como um obstáculo inicial e que foi parcialmente solucionado por meio da participação em Editais um deles foi o curso EAD de Tecnologia Social da Memória, metodologia do Museu da Pessoa, que nos possibilitou não apenas dar continuidade às ações como também ampliar as redes sociais.

A Tecnologia Social da Memória metodologia desenvolvida pelo Museu da Pessoa reúne práticas, conceitos e princípios essenciais para que públicos diferenciados, com objetivos diversos, possam se apropriar da metodologia de registro e produção de narrativas históricas. Com base na metodologia da história oral, para registro de narrativas pessoais, na Nova Museologia, a atualização tecnológica, bem como uma prática de mobilização e formação de agentes locais, que passam a elaborar e realizar suas próprias iniciativas de memória.

A metodologia da TSM se constitui de três etapas que se complementam para a realização de projetos de Memórias, que são : construir Histórias, organizar Histórias e socializar Histórias. As etapas da TSM foram planejadas para serem realizadas coletivamente e presencialmente, o que perante o contexto de pandemia se demonstrou como desafio. Além, do fato de a metodologia não possibilitar uma reflexão, mais aprofundada da relação da comunidade com o Território. No caso, específico o Bairro do Morro Grande e o seu entorno, local em que se encontra Vila do DAE e a Reserva Florestal do Morro Grande .

---

.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A formação EAD da Tecnologia Social da Memória ofertada pelo Museu da Pessoa, permitiu a formação dos mestres e mestras das manifestações culturais, de artistas, educadores e de outros participantes do município de Cotia interessados em criar suas próprias memórias a partir das histórias de vida, valorizando as experiências de todas as pessoas.

A partir dos debates estabelecidos pelo curso, a Escola Municipal Vicentina Pires de Oliveira, escola de Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série), localizada no Morro Grande, por meio de sua diretora entrou em contato conosco, pois muitos dos seus alunos eram filhas(os), net(as/os) de ex. funcionários da DAE/SABESP, porém o seu corpo docente não era proveniente do território, o que resultava em um distanciamento das educadoras com o conhecimento que as crianças traziam de suas casas e de seus familiares.

Em nossa primeira reunião, foram apresentadas as etapas do encontro e o calendário quinzenal que nos daria a garantia de continuidade no processo.

O primeiro passo foi sensibilizar as professoras para lembrarem de suas histórias da infância, pois quando me conecto e reconheço a importância das minhas memórias, reconheço a do outro.

Utilizamos como iniciadores o poema “A menina avoadada” de Manoel de Barros e a leitura de um capítulo do livro “Nas Ruas do Brás”. A leitura trouxe diversos relatos de memórias da infância das educadoras, ao mesmo tempo a importância do território sobre que estas ocorreram.

Os comentários foram se fiando a outros e tornou possível sentir a riqueza que cada uma delas trazia, os detalhes, sentimentos que envolviam cada fala.

No encontro seguinte, a abordagem foi o Mapeamento Afetivo, um caminho possível para registrar a experiência do aluno no percurso de casa para a escola. entender como a criança vê, percebe e dá significado ao território em que está inserida à escola.

O próximo encontro foi o desenvolvimento da Oficina da Construção de Sentido que proporcionou uma maior mobilização das educadoras, ao mesmo tempo que alinhou as expectativas e estabeleceu as diretrizes do projeto e o seu planejamento.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A oficina da Construção de Sentido levou as educadoras e a comunidade escolar a decidirem por pesquisar sobre a História e a Memória da própria escola. Uma vez que o registro de fundação da escola era de 1974, mas pelas narrativas de memória da comunidade, a sua existência é anterior a essa data.

Conjuntamente, educadoras e a comunidade escolar começaram a realizar o levantamento e a pesquisa de fontes históricas, como documentos de doação do terreno para a criação da escola, fotografias e entrevistas com antigos moradores sobre a EM Vicentina Oliveira Pires. A pesquisa continua neste momento da escrita desse artigo a ser realizada, mas um dos resultados é a descoberta que EM Vicentina ou a escolinha do Morro Grande foi fundada como “Escola Parque do Morro Grande”, uma parte deste acervo já está catalogado e está divulgado na página que foi criada no Facebook sobre a escola.

Estimulada pelo trabalho realizado com as educadoras e alunos, a diretora da E.M.Vicentina, está aproveitando o projeto para tornar a escola um espaço museológico ao completar 50 anos. Por meio das redes sociais, se busca ex-alunos, professores, fotos e documentos que reconstroem a história da escola.

Estamos na fase de conclusão do projeto de formação, com o entendimento de que despertamos no outro o desejo de valorizar sua história e suas raízes. A semente plantada já começa a dar bons frutos.

## **OUTRAS AÇÕES**

No mesmo período da realização das oficinas com as educadoras, outras ações, como:

A I Roda de Conversa Virtual encontro que reuniu 30 pessoas interessadas no território do Morro Grande. Na ocasião, tivemos a presença de ex-moradores, filhos de moradores, professores, diretoras das escolas públicas local, ambientalistas e turismólogos interessados no contexto.

A proposta feita aos presentes, era de compartilhar as memórias das experiências vividas naquele território à época sob a responsabilidade do DAE. Nesse encontro foram trazidas lembranças da imensa riqueza da fauna e flora da Reserva Morro Grande, das festas de Nossa Senhora das Graças, ocasião em que as crianças se vestiam de anjos e uma procissão percorria o bairro carregando o andor. Foram lembrados os alegres bailes de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

carnaval realizados no Clube, que mais tarde se tornaria a Sede dos funcionários. Na Associação dos Trabalhadores do DAE, local existiu o primeiro cinema da Cidade de Cotia, “Mazzaropi” era o programa das famílias no final de semana, quando não era “O Gordo e o Magro”.

A Educação Ambiental foi tema trazido por um dos participantes, recordando a importância de na adolescência ter participado de projeto ambiental no local. A experiência foi transformadora contribuindo, inclusive, para sua escolha profissional. Todas as falas reforçaram o desejo de retomar a história do lugar, o cuidado com o Patrimônio e a natureza que nos abriga e nos dá vida.

Em paralelo, com as Oficinas realizada com as Educadoras da EM Vicentina, participamos do Edital da premiação do Concurso “Benedito Pereira de Castro - ‘Seu’ Dito da Congada” por meio da Secretaria de Esportes, Cultura e Lazer do Município de Cotia, de acordo com a Lei Federal de Emergência Cultural Aldir Blanc, o qual fomos contemplados para a realização do documentário “Desejo de Memória” – A História e a Memória da Vila DAE e da RFMG.

O documentário é o resultado das reflexões dos debates gerados pelo curso de formação de Criação de Núcleos do Museu da Pessoa, para a reaplicação da Tecnologia Social da Memória com a comunidade do Morro Grande. Nesse momento, estamos realizando a decupagem, das entrevistas individuais dos integrantes “mais velhos” da comunidade, conjuntamente com a escrita do roteiro do documentário.

A roda foi formada por 12 moradores, mais velhos (70 a 85 anos) e mais jovens. Todos tiveram a oportunidade de compartilhar com riqueza de detalhes e emoção, suas memórias e vivências no território.

Durante as narrativas, ficou muito presente a saudade do tempo antigo, do modo de vida, da maneira como se estabeleciam as relações com a professora, colegas e os namoros. Como também o desejo de preservação e divulgação das memórias e Histórias da Vila do DAE e da RFMG

Cada história que era contada se conectava a uma lembrança do outro, às vezes o impulso interrompia a fala do outro, porque não queriam esquecer de nada, não queriam deixar passar uma só lembrança.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A expectativa sobre o documentário é enorme, pela comunidade, pois como comentaram, poderiam mostrar para os netos como era um “tempo bom aquele para se viver no Morro Grande”, sem dizer que “meu neto vai saber melhor sobre a minha história”

Agora neste momento em que os moradores mais antigos e boa parte da comunidade já se encontra vacinada, estamos retomando as nossas ações presencialmente, todos de máscara e mantendo o distanciamento social.

Entre as ações desse segundo semestre a interlocução entre os responsáveis pela preservação da Reserva Florestal do Morro Grande e da Vila do DAE( SABESP/Prefeitura de Cotia) era uma demanda urgente, o que se estabeleceu por meio das duas rodas de conversa, onde os moradores apresentaram as dificuldades e propostas de soluções e um planejamento coletivo do bairro do Morro Grande.

E neste momento como proposta da Associação do Bairro do Morro Grande estamos organizando a I Caminhada da Primavera, ação com o objetivo de chamar atenção dos órgãos públicos e da SABESP sobre a necessidade de preservação tanto da VILA dos Trabalhadores do DAE como da própria Reserva Florestal do Morro Grande.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA**

ALBERTI, V. Ouvir e contar: textos em História oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: TA. Queiroz, 1994

BRUNO, E. S. Histórias e tradições da cidade de São Paulo. São Paulo: José Olympio, v. 3, 1954, p. 1122.

BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. (Coord.). Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, nº 5, 2006.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAGAS, Mário. Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Tese de Doutorado)

CHAGAS, Mario de Souza.(2001), “Memória e poder: focalizando as instituições museais”. Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares, 2001 p.3 (2):5-27.

CUNHA, Álvaro. “Inauguração da nova instalação para o tratamento das águas do Cotia”. In: Revista DAE, n. 3, out. de 1937, p. 301.

FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos museológicos, v. 3, p. 7-12, 1990.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

KASEKER. Davidson Panis. Museu, Território, Desenvolvimento. Diretrizes do processo de Musealização na gestão do patrimônio de Itapeva (SP). Dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Pós – Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. SP. 2014

MARTÍN- BARBERO, Jesus. Dos meios à mediação: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. Brève histoire de la muséologie, des inscriptions au musée virtuel. In: MARIAUX, P. A. (Ed.). L’objet de la muséologie.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Neuchâtel: Université de Neuchâtel, Institut d'Histoire de l'Art et de Muséologie, 2005. (Col. L'Atelier de Thèse, n. 2)

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo : Projeto História. São Paulo: n.10, p. 07 – 28, 1993.

PARDELLAS DE BLAS, Xulio X. Turismo cultural y ambiental. Servicio de Publicaciones, 2003.

PELEGRINI, Sandra C. Araújo; FUNARI, Pedro Paulo. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. A musealização do território como estratégia de gestão do patrimônio e administração da memória. Revista Memorare, v. 2, n. 2, p. 34-51, 2015.

QUEROL, Lorena Sancho. Para uma gramática museológica do (re) conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participativo. Sociologia, v. 25, p. 165-188, 2013.

RODRIGUES, Marly. Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo, 1969-1987. Editora UNESP Fundação; Imprensa Oficial SP; CONDEPHAAT, 2000.p.77

SILVA, Conceição Ferreira da. Reserva florestal do Morro Grande (Cotia/SP): levantamento de subsídios para propostas de educação ambiental. 2003. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, Claudia Feijó. A Atuação Participativa entre Historiadores e Comunidade: Processo Metodológico de Inventário Participativo. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e diálogo Social. ANPUA. Natal. RN. 2013

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

SOTO, Moana Campos. Dos gabinetes de curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social. 2014.

VARINE-BOHAN. Museus e Desenvolvimento Local um Balanço Crítico, p. 15. in:  
BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. (Coord.). Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas. São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008